

A BEIRA INTERIOR, A FLORESTA E A ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE CASTELO BRANCO¹

M^a Margarida Ataíde Ribeiro e M^a Ângela Lima Antunes

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo pretende-se revisitar a Beira Interior com a ajuda de alguns números, que possam situá-la do ponto de vista da sua estrutura sócio-económica e ainda relativamente à floresta, nas suas potencialidades e actuais restrições. Conclui-se com uma breve referência a essa nova estrutura, que é a ESACB, especialmente o Curso de Produção Florestal.

2. A BEIRA INTERIOR EM NÚMEROS

A Beira Interior, tem sofrido os efeitos da interiorização, com um elevado movimento migratório e de desertificação (Tabela 1). A sangria de população na década de 81/91, representou 6% da população residente na Beira Interior em 1981, e foi equivalente em ambos os distritos.

Tabela 1 - População residente e componentes do crescimento demográfico na Beira Interior (Fonte: INE, 1993)

Zonas	População residente	População residente	Cresci. efectivo	Cresci. natural	Cresci. migratório	%
	1981 (1)	1991 (2)	(3)	(4)	(5)=(3)-(4)	(5)/(1)
Castelo Branco	246.464	224.924	-21.540	-7.017	-14.523	6%
Guarda	187.095	172.556	-14.539	-3.477	-11.062	6%
Beira Interior	433.559	397.480	-36.079	-10.494	-25.585	6%

O sector primário (que inclui as indústrias extractivas), representa 38% da população activa da Beira Interior (Tabela 2), mais 12 pontos percentuais relativamente ao país, em que esse valor é de 19%. O sector primário, tem um peso bastante relevante no Distrito da Guarda, com 42% em relação aos 33% do distrito de Castelo Branco.

¹ RIBEIRO M.M., ANTUNES M.A. 1994. A Beira Interior, a floresta e a Escola Superior Agrária de Castelo Branco. *Agroforum*, 7:27-30.

Tabela 2 - Distribuição da população por sectores de actividade, na Beira Interior e Continente (Fonte: C.C.R.C., 1985)

	Sector Primário	%	Sector Secundário	%	Sector Terciário	%	Total	%
Castelo Branco	27.103	33	28.939	35	26.001	32	82.043	100
Guarda	32.680	42	24.467	32	20.130	26	77.277	100
Beira Interior	59.783	38	53.406	33	46.131	29	159.320	100
Continente	711.132	19	1.429.194	39	1.539.144	42	3.679.470	100

O sector primário na Beira Interior é muito importante, não só devido ao tecido social envolvido como também à contribuição deste sector, na sua componente agrícola, para o Produto Interno Bruto (RIBEIRO, 1984 a). Por sua vez, a contribuição do sector florestal desta região para o Produto Agrícola Bruto atinge os 26%, nove pontos percentuais acima da relação PBF/PAB do país (Tabela 3). Por aqui se pode claramente inferir a importância que o sector florestal tem na economia Beirã. A relação PBF/PAB é, como se pode ver na Tabela 3 muito significativa no distrito da Castelo Branco, atingindo 32%, essa relação no distrito da Guarda baixa para 20%.

Tabela 3 - Distribuição do Produto Florestal Bruto no Produto Agrícola Bruto da Beira Interior e Continente (Fonte: ROLO *et al.*, 1985).

	PAB (x 10 ³ esc.)	PB Florestal (x 10 ³ esc.)	PBF/PAB (%)
Castelo Branco	4.844.177	1.558.694	32
Guarda	4.218.760	833.667	20
Beira Interior	9.062.937	2.392.361	26
Continente	119.764.656	20.431.112	17

3. A FLORESTA NA BEIRA INTERIOR

Nesta região uma percentagem considerável do solo está reservada para agricultura, com um extensão considerável de incultos, 21%, sendo o restante floresta, em 33% da área total (Tabela 5). Se por um lado, o distrito de Castelo Branco tem uma maior percentagem da sua área ocupada por floresta, cerca de 43%, o que não surpreende, pois é neste distrito que se situa parte da maior mancha contínua de pinhal do país, é no distrito da Guarda que a superfície de incultos atinge o valor mais elevado, superior a 1/4 do seu território. Nesta última região o desajustamento do uso do solo atinge proporções muito elevadas, quase de 50%. No seu conjunto, estes dois distritos poderiam reconverter 44% do seu solo, sobretudo com modelos de tipo florestal (silvicultura, silvopastorícia e cinegética), atendendo à sua capacidade de uso. Este valor é consideravelmente superior à reconversão que é necessário fazer em cerca de 1/4 do Continente.

Tabela 4 - Utilização potencial e actual do solo, na Beira Interior e Continente (Fonte: RIBEIRO, 1984a; DGF, 1992; DGF, 1993).

(unidades: ha)

	Área Florestal Actual	%	Área Florestal Potencial	%	Incultos	%	Área Total	%
Castelo Branco	286.300	43,2	546.281	82,4	100.900	15,2	662.664	100
Guarda	117.800	21,3	390.898	70,6	152.600	27,6	553.493	100
Beira Interior	404.100	33,0	936.179	77,1	253.500	20,8	1.216.157	100
Continente	3.108.000	35,0	5.280.000	59,4	1.419.000	16,0	8.893.000	100

Tal como acontece noutras zonas do país, existe uma grande disparidade entre a utilização real do solo e a utilização aconselhável, pois que se encontra submetida à cultura agrícola uma área muito superior à que se considera com aptidão para tal, além do visível desaproveitamento de vastas áreas incultas.

Tabela 5 - Área ocupada pelas diferentes espécies, na Beira Interior e Continente (Fonte: DGF, 1993).

(unidades: x10⁶ ha)

Espécies	Castelo Branco		Guarda		Beira Interior		Continente	
		%		%		%		%
P. bravo	190,8	66,7	80,2	68,1	271,0	67,1	1.252,3	40,3
Sobreiro	14,1	4,9	2,5	2,1	16,6	4,1	664,0	21,3
Azinheira	31,8	11,1	1,1	0,9	32,9	8,1	464,7	15,0
Eucalipto	36,7	12,8	0,3	0,3	37,0	9,2	385,8	12,4
Castanheiro	1,7	0,6	7,5	6,4	9,2	2,3	31,1	1,0
Carvalho	7,2	2,5	16,9	14,3	24,1	5,9	112,1	3,6
Outras	4,0	1,4	9,3	7,9	13,3	3,3	198,2	6,4
TOTAL	286,3	100,0	117,8	100,0	404,1	100,0	3.108,2	100,0

A área actualmente florestada na Beira Interior reparte-se por diferentes espécies, predominando o pinheiro bravo, o eucalipto, a azinheira e o sobreiro. No entanto em relação aos dois distritos em causa, existem diferenças profundas, que podemos observar na Tabela 5.

Constata-se que a ocupação da área florestal com as diferentes espécies não é coincidente, em ambos os distritos, excepto no que diz respeito ao pinheiro bravo. Assim no distrito da Guarda a área ocupada com castanheiro e carvalho atinge 20% da sua área florestal, 6% para a primeira e 14% para a segunda. As áreas de sobreiro e azinheira são insignificantes, de 2 e 1%, respectivamente. No distrito de Castelo Branco sucede o contrário, as áreas com castanheiro e carvalho são pequenas (3% da área florestada), enquanto que a área de sobreiro e azinheira atinge 16%. Ainda aqui, a área florestal ocupada por eucalipto (13%) é bastante importante, enquanto que no distrito da Guarda é praticamente inexistente.

O deficiente ordenamento da floresta devido à predominância de espécies de combustibilidade elevada, superfícies de exploração reduzidas implicando a inexistência de intervenções culturais, a desertificação humana e alteração das práticas tradicionais para além

da falta de ligação entre os técnicos e os utilizadores, podem estar na origem, entre outros motivos, do flagelo que anualmente percorre o nosso país: o fogo na floresta.

Tabela 6 - Área percorrida por incêndios², em povoamentos florestais, na Beira Interior e Continente, de 1978 a 1991 (Fonte: RIBEIRO, 1984b; INE, 1990; ANÓNIMO, 1992; DGF, 1993).

Anos	(unidades: ha)				
	Castelo Branco (1)	Guarda (2)	Beira Interior (3)	Continente (4)	% (3)/(4)
1978	2.516	28.947	31.463	68.165	46,2
1979	12.079	10.638	22.717	48.060	47,3
1980	3.235	3.634	6.869	29.219	23,5
1981	3.552	2.988	6.540	63.649	10,3
1982	517	1.711	2.228	27.436	8,1
1983	1.328	4.317	5.645	32.427	17,4
1984	3.196	4.041	7.237	26.580	27,2
1985	8.898	21.025	29.923	79.440	37,7
1986	19.150	7.648	26.798	58.612	45,7
1987	457	4.185	4.642	49.848	9,3
1988	521	2.577	3.098	8.628	35,9
1989	6.045	5.955	12.000	62.165	19,3
1990	6.213	12.829	19.042	78.056	24,4
1991	31.101	6.460	37.561	116.364	32,3
Total	98.447	116.955	215.763	784.649	28,8
Média (1)	7.032	8.354	15.412	56.046	
Área flo.					
actual (2)	286.300	117.800	404.100	3.108.000	
(2)/(1)	40 anos	14 anos	26 anos	56 anos	

A continuação desta situação dificulta o desenvolvimento do sector florestal, no país em geral e na Beira Interior em particular. Vejamos na Tabela 6 a evolução da incidência dos fogos florestais de 1978 a 1991.

A Beira Interior tem sido particularmente atingida pelos incêndios, que têm destruído a floresta desta região a um ritmo imparável. No conjunto dos dois distritos arderam ao longo de 14 anos (1978 - 1991), quase 30% do total ardido no continente, embora a área florestal da B.I. só represente 13% da área florestal total do Continente.

Ao ritmo a que tem ardido a floresta no país, dentro de 56 anos, terá desaparecido, considerando a média anual destes 14 anos, de 56.000 ha/ano, se não for feita reflorestação. Para a B. I. o panorama é ainda mais assustador, tendo a floresta uma esperança média de vida de 1/4 de século, i. é , se nada for feito em contrário em 2.020, já não teremos floresta nesta região.

Na Figura 1, podemos graficamente observar a evolução da área ardida para esse período de tempo. As setas indicam os anos em que o total da área ardida na B.I. alcançou

² Os valores que se apresentam em itálico, foram gentilmente cedidos pela Delegação Florestal de Viseu.

valores superiores a 25%, do total ardido no país, verifica-se que isso sucedeu em metade dos anos do referido período.

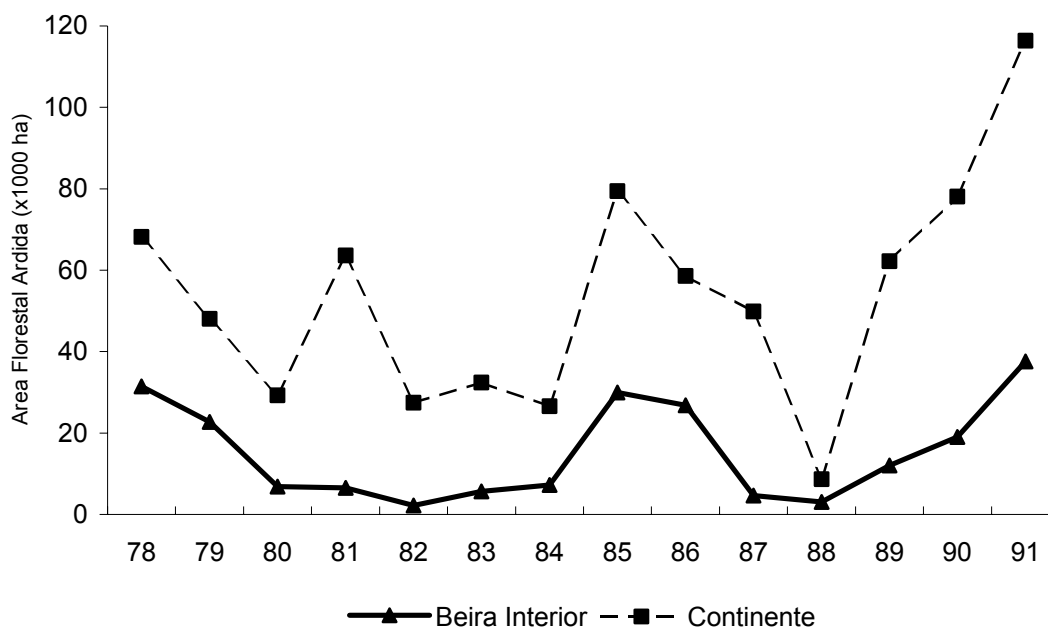


Figura 1 - Evolução das áreas ardidas, povoamentos florestais, na Beira Interior e no Continente no período de 1978 a 1991 (Fonte: RIBEIRO, 1984b; INE, 1990; ANÓNIMO, 1992).

Hoje em dia, cada vez mais temos ao nosso dispor novas tecnologias, de que são exemplo os Sistemas de Informação Geográfica, que podem vir a ser um ponto de partida para a reversão desta situação através da determinação de modelos de previsão do comportamento do fogo³.

4. A ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE CASTELO BRANCO - CURSO DE PRODUÇÃO FLORESTAL -

O curso de Produção Florestal da Escola Superior Agrária de Castelo Branco iniciou o seu funcionamento no ano lectivo de 85/86 e conferiu o grau de bacharel aos primeiros diplomados em 1989. Até Junho de 1992 tinham-se formado 29 bacharéis, com este curso, representando cerca de 17% do total de alunos com o curso terminado na ESACB, sem esquecer que este curso se iniciou 2 anos depois dos cursos de Produção Agrícola e Animal (ALMEIDA, 1993).

É de realçar, que dos alunos que já terminaram o curso, 60% responderam a um questionário sobre a sua situação profissional, em Junho de 1992, e desses cerca de 88% já se encontra empregado, embora 31% ligados ao Ministério da Educação (Figura 2).

³Este assunto será abordado noutra local desta revista.

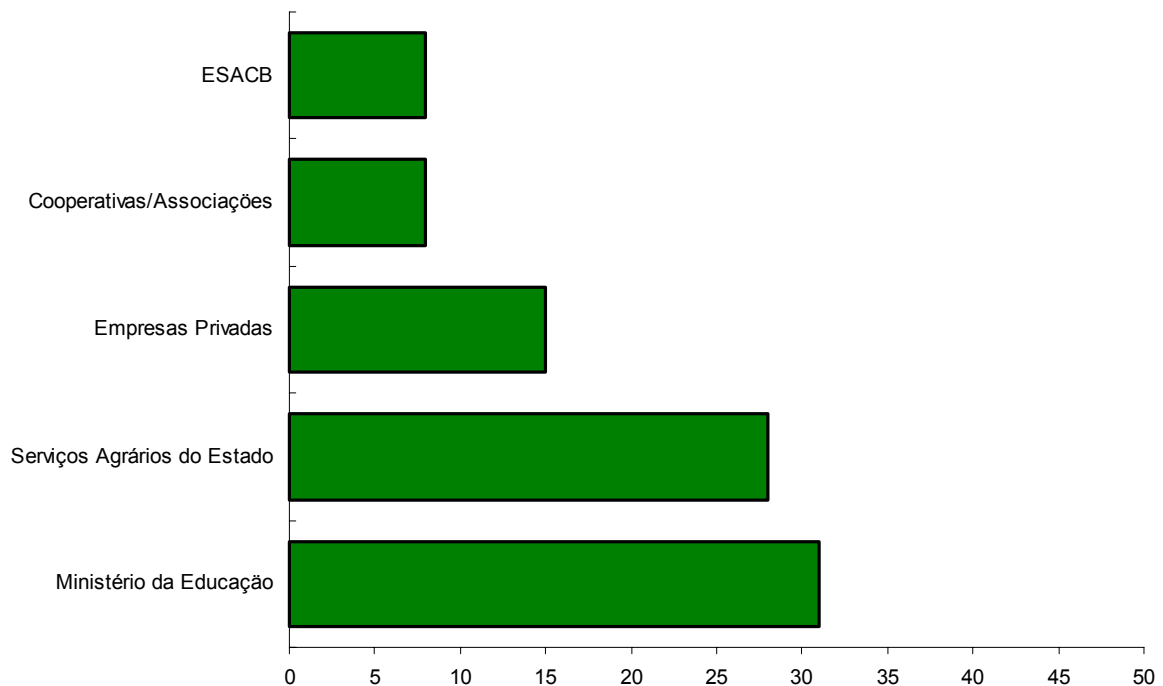


Figura 2 - Entidades empregadoras, do actual emprego (Junho de 1992), dos alunos diplomados com o curso de Produção Florestal (Fonte: ALMEIDA 1993).

A ESACB dispõe de variadas estruturas de apoio ao Curso de Produção Florestal. Entre elas conta-se um edifício que inclui um pequeno auditório, gabinetes e armazém; um parque botânico, com 26 ha, onde já foram instaladas cerca de 4.000 árvores e arbustos de 44 espécies diferentes, para além de um arboreto com cerca de 470 árvores de 40 espécies diferentes; um viveiro florestal com produção permanente de plantas florestais e ornamentais das mais variadas espécies, que dispõe de duas estufas, uma delas particularmente vocacionada para propagação vegetativa, e ainda uma rede de sombreamento de 256 m² com rega automática. Existem ainda outras estruturas, como seja a biblioteca, laboratórios, salas de informática, etc.

O Curso tem a duração de 6 semestres lectivos, com uma carga horária de cerca de 800 horas por ano. As aulas práticas ocupam 65% da carga horária total. As matérias leccionadas são complementadas com visitas de estudo, colóquios e ainda um Trabalho de Fim de Curso, que é discutido publicamente.

Podemos observar na Figura 3, o escalonamento dos locais, onde os alunos de Produção Florestal, até ao momento presente, realizaram ou estão a realizar o seu Estágio Curricular de que resultou ou resultará o Trabalho Final de Curso. Verifica-se que a maior fatia cabe ao Instituto Florestal, logo seguido das Empresas Privadas e da ESACB. Estes trabalhos são de extrema importância na inserção dos alunos na realidade do país, mas também constituem um apreciável somatório de informação, sobre problemas ligados à floresta.

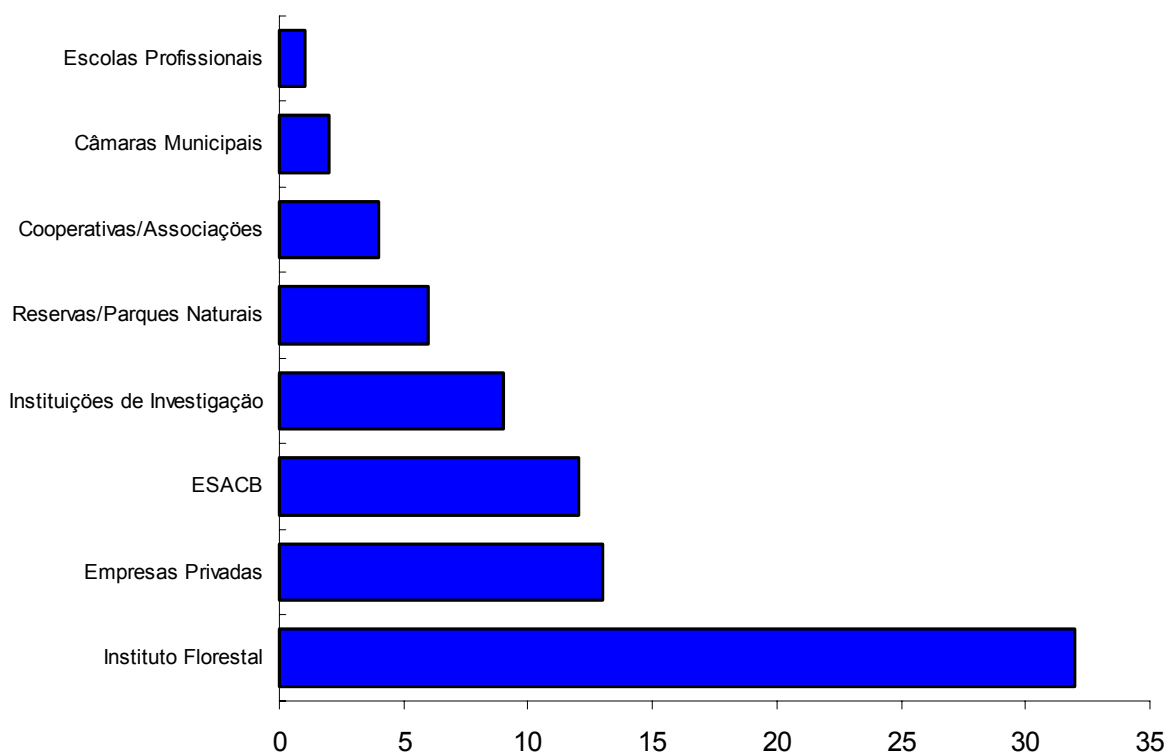


Figura 3 - Distribuição dos alunos estagiários do curso de Produção Florestal, pelos diferentes locais, onde realizaram ou estão a realizar o Estágio Curricular.

Verifica-se, como vimos, urgência na conveniente defesa, adequada gestão e expansão da área florestal da região. As intervenções respeitantes à valorização dos recursos florestais, na perspectiva da organização e desenvolvimento da floresta e da resolução de problemas ligados à reconversão de terrenos incultos e marginais para a agricultura, pede a intervenção de técnicos florestais qualificados.

A ligação técnico florestal-empregado florestal pode ser uma das respostas desejáveis e possíveis para a implementação de ações concretas no terreno, que visem a alteração da actual situação de depauperamento dos recursos florestais da Beira Interior.

Os dados e as situações referidas, mostram por si só, a necessidade urgente de intervenção de mão-de-obra especializada, e que o Estado e o sector privado, podem recrutar para a resolução desses problemas. Existem, neste momento, técnicos formados por esta Escola, disponíveis para colaborar no que será o futuro da floresta da Beira Interior em geral e nas empresas florestais, em particular.

5. CONCLUSÕES

Verifica-se uma desertificação na B.I., que se traduz num saldo migratório negativo de 6%, na década de 81/91. O peso do sector primário nesta região, de 38%, é bastante superior

ao peso da população activa do país nesse sector de actividade, que é de 19%. A contribuição do Produto Florestal Bruto no Produto Agrícola Bruto é de 26%, sendo a principal contribuição da responsabilidade do distrito de Castelo Branco.

O desajustamento do uso do solo da B.I. cifra-se em 44%, é o distrito da Guarda onde se verifica um desajustamento maior, de 49%. As espécies de maior importância, são o pinheiro bravo, o eucalipto, a azinheira e o sobreiro. A primeira espécie ocupa 2/3 da área florestal total da B.I. Os fogos florestais devoram por ano cerca de 15.500 ha de floresta na Beira Interior, o que significa que se nada se fizer, dentro de 26 anos não haverá floresta nesta região. O investimento e desenvolvimento no sector florestal implica, por um lado um correcto ordenamento da floresta e por outro uma ligação mais íntima entre o produtor e o técnico. Estes dois factores são imprescindíveis para que se possa efectuar uma viragem na alteração da actual situação de empobrecimento dos recursos florestais da nossa região. A ESACB possui estruturas diversas de apoio ao Curso de Produção Florestal, para a formação adequada de técnicos que dão e podem vir a dar um contributo importante para o desenvolvimento da floresta, em geral e participação activa em empresas florestais, em particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA C. A. 1993. *Percurso profissional dos ex-alunos da ESA-CB. Relatório do inquérito aos diplomados até Julho de 1992*. ESACB Castelo Branco.
- ANÓNIMO. 1992. "Silva Mediterrânea". Relatório Nacional. *DGF Informação*. 10: 17-34.
- C.C.R.C. (ed.). 1985. *Alguns elementos sócio-económicos do continente*. Coimbra.
- D.G.F.(ed.). 1992. *Le Portugal, pays de forêts*. Lisboa.
- D.G.F. 1993. A distribuição da floresta em Portugal Continental. Áreas florestais por distritos. *Estudos e Informação*. 303.
- INE (ed.). 1990. *Estatísticas agrícolas - 1988*. Lisboa.
- INE (ed.). 1993. Alterações demográficas nas regiões portuguesas entre 1981-1991. *Jornadas de Reflexão sobre o Programa de Desenvolvimento Regional e o Mundo Rural*. Lisboa.
- RIBEIRO M.M. 1984a. *O sector florestal na região central do país*. ESACB Castelo Branco.
- RIBEIRO M.M. 1984b. *O sector florestal na Beira Interior (contributo para a sua caracterização)*. ESACB Castelo Branco.
- ROLO J.A., CARDOSO F.M., CORDOVIL F.C., LOPES R.M. 1985. *O produto agrícola bruto no Continente, regiões e concelhos (média do triénio 1979-1980-1981)*. S.I.P. Lisboa.